

Mulheres e feminismo no pensamento de Jose Carlos Mariátegui: atualidade das reivindicações feministas.

Carmen Susana Tornquist.

Cita:

Carmen Susana Tornquist (2019). *Mulheres e feminismo no pensamento de Jose Carlos Mariátegui: atualidade das reivindicações feministas.* XXXII Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. Asociación Latinoamericana de Sociología, Lima.

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/000-030/1414>



Mulheres e feminismo no pensamento de Jose Carlos Mariátegui: atualidade das reivindicações feministas

Carmen Susana Tornquist

Resumo

Uma das grandezas de Mariátegui – e razão de sua contemporaneidade – é sua capacidade de pensar o “Sul” sem dispensar a articulação o “Norte”, ou seja, superar a dilemática oposição entre eurocentrismo e excepcionalismo que atravessa a história do pensamento social de Nuestra América. Se esta perspectiva fica clara na proposição do socialismo indo-americano, ela também se expressa na forma como o autor apresenta as “reivindicações feministas”. Na trajetória do jornalista a referência à emancipação das mulheres é marcada por uma radical mudança: os escritos da chamada “Idade da Pedra” e os da fase madura. Além da interlocução efetiva com mulheres de seu contexto, o “Amauta” publicou muitas obras de mulheres nas revistas que editou, além de referências diretas a estas colegas em artigos seus publicados em diversos periódicos. Mas Mariátegui não apenas reconheceu as mulheres como autoras e como interlocutoras: também refletiu sobre os movimentos de mulheres seu tempo em artigos diretamente relacionados ao tema. Assim, nesta comunicação, pretendemos refletir sobre como Mariátegui coloca a questão do feminismo em seu contexto, e quais as influências do período de “formação ideológica” vivido na Europa sobre as mudanças de posição referentes às mulheres. O artigo tem por base pesquisa documental, tendo como fontes a Revista Clarté, da qual era leitor, e a obra “Mariátegui Total”, na qual estão artigos de sua própria autoria publicados em revistas e outros documentos. Conclui-se que o “exílio” na Europa foi decisivo na mudança de posição de Mariátegui no que se refere a esta questão.

Palavras chave

Mulheres – feminismo – Mariátegui

“O feminismo como ideia pura é essencialmente revolucionário. O pensamento e a ação das mulheres que se sentem, ao mesmo tempo, feministas e conservadoras, carecem, portanto, de íntima coerência. O conservadorismo trabalha para manter a organização tradicional da sociedade (...)Nascido da matriz liberal, o feminismo não pode se realizar durante o processo capitalista. E agora, quando a trajetória histórica da democracia chega ao seu fim que a mulher adquire os direitos políticos e jurídicos do varão. Foi a



revolução russa que com cedeu explicita e categoricamente à mulher a igualdade e a liberdade que há mais de um século reclamavam, em vão, da Revolução Francesa Babel e os igualitários” [Mariátegui, 1924].

Estas afirmações fazem parte do artigo de Mariátegui, intitulado “As reivindicações feministas”, publicado em 19 de dezembro de 1924, em Lima, na revista *Mundial*, um ano e alguns meses após seu retorno da Europa ao Peru.

É importante dizer, ao meu ver, considerando o contexto do qual faço parte que foi um dos textos escolhidos pelo sociólogo Florestan Fernandes, na coletânea que organizar no Brasil em 1982, junto a outros textos como *O problema das raças, O nacional e o exótico, Aniversario e balanço, o homem e o mito, O artista e a época, O problema da terra no Peru*. Sublinho este fato pois as obras de Mariátegui foram conhecidas muito tardiamente no Brasil: *Os Sete ensaios* foi publicado no país quase que cinquenta anos após seu aparecimento, no Peru, também a partir da iniciativa de Florestan.

“Las reivindicaciones feministas” não é o primeiro texto de Mariátegui sobre as questões feministas. Ele escrevera, alguns meses antes, para *Variedades*, intitulado *A Mulher e a Política*, no qual desenvolve uma argumentação sobre a participação das mulheres em postos de poder, e sobre a importância da igualdade política entre homens e mulheres, sobre o qual falaremos mais adiante. E deste texto Mariátegui recupera literalmente um trecho em “las Revindiciones feministas”, no qual citando um autor italiano, refere-se as mudanças que envolveriam as mulheres, naquele momento:

Num artigo anterior sobre a mulher e a política, examinei assim alguns aspectos deste tema: “aos trovadores e aos amantes da frivolidade feminina não falta razão para inquietaram-se. O tipo de mulher criado por um século de refinamento capitalista está condenado à decadência a ser ultrapassado. Um escritor italiano, Pitigrilli, classifica este tipo de mulher como um tipo de mamífero de luxo [Mariátegui, 1924].

Desenvolveremos nossa comunicação tendo por base este artigo, de dezembro de 1924, buscando, ao final, refletir sobre a atualidade, em especial, de “As reivindicações feministas”. Este texto está organizado em três partes: a primeira, situa rapidamente alguns pontos de partida sobre como compreendemos o trabalho de Mariátegui; depois, analisaremos “As reivindicações feministas” contextualizando a questão das mulheres, do feminismo na obra de Mariátegui e as influências que o feminismo socialista teve sobre sua “formação europeia”, e por fim, sugeriremos pontos atualmente relevantes da reflexão daquele momento, expressa pelo Amauta.



Pontos de partida

Consideramos importante assinalar alguns pontos de partida desde o ponto de vista teórico e conceitual o primeiro deles é que nossa leitura da obra de Mariátegui se dá a partir de um conjunto de autores que, desde o início dos anos de 1980, tem procurado recuperar o pensamento de Mariátegui no continente e também no âmbito dos estudos marxistas. Desde grupo, assinalamos a perspectiva de Michael Lowy que considera o pensador peruano como o primeiro marxista da América latina (Löwy, 1999), a luz de uma leitura marxista já distanciada dos maniqueísmos que predominaram nos primeiros anos após o desaparecimento físico de Mariátegui. As releituras mais acuradas de Mariátegui de fato, somente vem a acontecer no período posterior a revolução Cubana, visto pelo autor como momento em que o “marxismo vivo” recupera sua força na América latina (Löwy, 1999). Para este autor, Mariátegui conseguiu escapar da persistente polaridade teórica entre eurocentrismo e excepcionalismo latino americano (Lowy, 2001, p. 13), fazendo uma adaptação crítica do marxismo à realidade latino-americana:

“A tentativa de renovação revolucionária do marxismo, apesar de seus excessos voluntaristas, permite à Mariátegui libertar-se do evolucionismo stalinista, com sua versão rígida e determinista da sucessão das etapas históricas, que o Comintern do fim dos anos 20 estava começando a disseminar por toda a América latina” (Löwy, 2006:19)

Nesta via, consideramos importantes também a análise de Fernanda Beigel (2007) acerca do Congresso de Sinaloa, que ocorreu no México, em 1980, no qual um conjunto de intelectuais, não apenas latino americanos, tomam Mariátegui como foco de sua análise e com isto, assinalam um período de releitura de sua obra, bastante auspicioso, a luz de uma perspectiva mais aberta franqueada pelo enfraquecimento das tensões partidárias que constrangeram a leitura de Mariátegui em seu próprio tempo histórico e logo a seguir, entre as décadas de 1920 a 1950.

No rastro deste novo momento, deve-se assinalar a importância da cátedra Mariátegui, surgida na década de 1990, e dos esforços empreendidos por este grupo (ai incluídos o de seus familiares) no sentido de organização de Seminários e simpósios comemorativos, referentes a datas relevantes da trajetória de Mariátegui, momentos em que pesquisadores e pesquisadoras de vários países e regiões compartilham interpretações e leituras mariáteguianas, a luz do tempo presente. Utilizamos também, o conceito de editorialismo programático de vanguarda, utilizado por Fernanda Beigel, que nos ajuda a situar o trabalho de Mariátegui como parte de um



processo extremamente fecundo e intenso de produção teórica e política que se expressa no âmbito dos periódicos (jornais e revistas), no início do século XX, tanto na América Latina como na Europa e estados unidos.

El editorialismo programático fue el motor propulsor de estos diversos textos colectivos que aparecieron durante el vanguardismo y posteriormente, en las nuevas inflexiones que se abrieron con la década de los sessenta. En cuanto empresas editoriales lograran difundir, de manera inusitada, manifiestos, diarios, revistas, congresos, que contribuyeran a las ricas discusiones que constituyeran puntos de encuentro entre nuevos proyectos y nuevas practicas de sujetos sociales nacies” (Beigel, 2003:110, grifos nossos).

Um aspecto bastante importante destas redes editoriais era o fato de que artigos e trechos de livros eram re-publicados em periódicos diferentes, seja em outras línguas ou na língua original, mas em países diferentes. Assim, muitos dos artigos que foram publicados originalmente em francês, como o caso de artigos da revista francesa *Clarté* (da qual falaremos mais adiante) eram traduzidos para o espanhol e difundidos ao público hispano-hablante. Por exemplo, artigos publicados na revista *Amauta* ou em outros periódicos editados no Peru, eram publicados na Costa Rica, em *Repertorio Americano*, (como foi o caso do artigo sobre Isadora Duncan, de 1927), ou em outras revistas da mesma rede editorial ou mesmo, de outras redes com pontos em comum.

Era frequente, desde o final do século XIX, que obras que depois seriam editadas como livros, fossem publicadas em partes em periódicos, como aconteceu com os *Siete Ensayos de interpretacion sobre la realidad peruana*, seguindo uma tradição que remontava aos inícios da imprensa de caráter democrático e/ou socialista.

Estas revistas e redes editoriais constituíram uma esfera pública “por excelência”, nacional e internacional, e as referências mútuas a artigos e textos expressavam a dinamicidade da interlocução estabelecida entre articulistas e editores dos diversos países (Beigel, 2004).

Outro aspecto importante que queremos deixar explícito e que adotamos a perspectiva manifesta por vários autores da Geração de Sinaloa acerca da formação ideológica de Mariátegui. Entre os diversos autores que analisam sua trajetória e o processo de amadurecimento de suas proposições, destacam-se aquele que observam a forte influência do marxismo italiano que se consolidava em uma via particular, junto



ao calor de acontecimentos políticos como o Biênio Vermelho e a criação do Partido Comunista Italiano, e, 1921(época em que Mariátegui estava na Itália).

Esta “chave” de leitura do marxismo, em ambiente italiano e no contexto específico dos anos 20 é também o que faz com que o marxista peruano guarde muitas semelhanças com Gramsci, de quem foi contemporâneo, embora não interlocutor direto (Beigel,2005). Ao mesmo tempo, autores como Robert Paris destacam que junto a esta inegável chave interpretativa italiana no processo de conversão de Mariátegui ao marxismo (pra usar uma expressão de sua própria lavra), a inspiração do Amauta em

termos de sua perspectiva editorialista advém de outras experiências, entre as quais a do Grupo Clarté, seja pela relação com Henri Barbusse(com quem dialogou desde 1919) seja pela via da inspiração editorial propriamente dita que se expressava na revista homônima publicada pelo grupo, entre 1919 e 1930.Sobre este aspecto, diz Robert Paris:

Se é certo que em essência a formação ideológica de Mariátegui e em primeira chave, italiana, as formas- acreditamos- forma tomadas de Clarté. Este é na verdade, um elemento comum àquele período. Claridad, de Haya de la torres, à Aníbal Ponce, ou ao Ordine Nuovo, as práticas das intelectuais dos anos de 1920 e 1930 seguem ancoradas sob o signo das experiências prodigiosas inauguradas por Henri Barbusse (Paris, 1969, p. 9, livre tradução)

As mulheres e o feminismo em Mariátegui

Pensamos que podemos analisar a obra de Mariátegui, do ponto de vista dos estudos de gênero e do feminismo em dois aspectos: um, considerando o lugar que o autor conferiu às mulheres em sua obra, e, em segundo, a forma como ele analisa o feminismo, propriamente dito, enquanto um movimento social de seu tempo. Ambos os aspectos correspondem, a nosso ver, a aspectos fundamentais, ainda que não necessariamente articulados. Ou seja, de um lado, a necessidade de reconhecimentos dos diferentes trabalhos que mulheres desenvolvem na sua experiência histórica (como mães, como escritoras, como cuidadoras, como artistas, como operarias, camponesas, lideranças políticas, etc.), de outro, a necessidade de que as questões que envolvem as hoje chamadas relações de gênero (na época de Mariátegui fala-se em diferenças sexuais, etc.) sejam incorporadas nas proposições teóricas – em particular, as que visam a transformação social – de tal forma que os projetos emancipatórios promovam também, e de uma vez por todas, a superação do atual estágio de subalternização das mulheres



nas sociedades ocidentais. Estas questões, para além do reconhecimento e da visibilidade incluem mudanças profundas nas estruturas sociais.

As mulheres na obra de Mariátegui

A historiadora peruana Sara Beatriz Guardia, em “Jose Carlos Mariátegui: una cuestión de género”, faz uma análise criteriosa da questão de gênero na obra de Mariátegui, considerando os dois períodos de sua produção intelectual: os anos iniciais (“por ele intitulados “Edad de la piedra”) que iriam de 1914 a 1919, marcados pela participação nos circuitos boêmios de Lima e primeiros contatos (e simpatia) com os movimentos estudantil e operário, e o momento posterior, de sua maturidade, digamos, envolvendo o exílio da Europa e o retorno ao Peru, ou seja, de 1919 até 1930, data de seu

falecimento. Ela assinala dois momentos de sua trajetória, separados por uma mudança radical no que se refere a esta questão.

Para Guardia, na chamada Idade da pedra, Mariátegui não escapa ao ideal de feminilidade que vigorava na sociedade limenha:

“La visión que tiene de la mujer en esse período es fiel al protótipo de ideal femenino de comienzos de siglo. no existe ningun cuestionamiento a su status, por el contrario una constante afirmación de la logica patriarcal. Diez articulos y doce entrevistas a artistas y escritoras, son prueba de ello. También, los personajes femeninos de 17 cuentos y dos cuentos y dos obras de teatro. Fueron escritos cuando Mariátegui tenía de 17 a 2 años, es decir entre 1916 y 1919. (Guardia, 2016, p 25)

Nestes artigos, alguns escritos para uma seção de “moda” como coloca Guardia, não há aspectos relevante que possa sugerir em Mariátegui ideias diversas do que postulavam

a elite local, ao contrário, o jovem jornalista (a esta época, conhecido como Juan Croniqueur) faz eco às visões patriarcais e a comentários preconceituosos com relação as sufragistas, que descreve como “desgreñada, rabiosa de aquellas que se lanzan a la conquista del voto femenino por médios más inverosímiles y violentos”, em um artigo publicado em “Mundo Limenho”, em 1914, intitulado “Contigo Lectora”.

Ao referir-se às sufragistas, provavelmente Mariátegui tinha em mente o movimento de mulheres que crescia no Peru e no mundo. No final do século XIX, já havia um significativo número de associações e congressos de mulheres em diversos países do mundo, em sua grande parte associados as lutas de operárias e camponesas, Na Rússia, na Inglaterra, na Alemanha, nos Estados Unidos, em países da América Latina,



este feminismo (depois chamado de primeira onda) , em linhas gerais postulava igualdade política (direito ao sufrágio e a educação) e direitos específicos relacionados a

Maternidade (motivo pelo qual também pode ser visto como um feminismo “materialista”). Embora haja precária informação acerca do contato de Mariátegui com o movimento feminista que se constituía já na primeira década de 1900 no Peru.

Las primeras feministas peruanas del siglo XX, con María Jesús Alvarado a la cabeza, tuvieron como metas políticas el acceso a una educación igualitaria y el reconocimiento de su capacidad jurídica. También eran abanderadas de las causas de otros oprimidos como ellas, obreros e indígenas. Habría que decir que el feminismo que prosperó ideológicamente fue el de las mujeres de la clase alta y culta, rasgo que mantendría el feminismo más adelante. En el universo obrero, también las luchas sindicales estimulaban la aparición de actoras. La lucha de las mujeres, sin embargo, pudo conseguir, en 1933, el voto municipal en medio de los debates de la Asamblea Constituyente (Silva e Cabrejo, 2014: p.638)

Alvarado é uma das figuras importantes deste primeiro momento do feminismo enquanto movimento organizado, no Peru. Junto com Adelina Morales e outras mulheres, sendo provável que Mariátegui as tenha conhecido. Maria Jesus Alvarado atuou em diversas frentes, comuns a Mariátegui, atuando como articulista em jornais onde ele trabalhou, envolveu-se com as lutas operarias entre 1911 e 1913, e, ainda, na constituição da associação para o indígena, entre outras frentes comuns. Cabe notar que neste contexto de lutas operarias a presença de mulheres (como trabalhadoras e em comitês específicos) já era uma realidade. A realização das Conferências internacionais das Mulheres socialistas em 1907 e em 1910 na Europa, circularam no Peru, pois a própria Alvarado enviou um documento, uma vez que se viu impossibilitada de participar. Em 1908, ocorreu o I Congreso internacional de Mujeres na Argentina, e em 1914 foi fundada a primeira organização feminina, sob a coordenação de Maria Jesus alvarado (Evolución Femenina) (Guardia, 2014:73). Todavia, Mariátegui não dá atenção a estas movimentações, que se expandem por o lado, neste momento. Porém, revela conhecer a anarcofeminista brasileira Maria Lacerda de Moura em uma entrevista a Ângela Ramos, anos depois, considerando a sua precária relação com o brasil o fato reveste de maior importância, assinalando que ele conhecia estes movimentos, apesar de lhes atribuir valor posteriormente.



Cartas era de caráter pessoal, e foram recuperadas depois da morte de Mariátegui, e expressam o desejo de um estabelecer uma relação “igualitária” com uma desconhecida, cujo contato restringia-se a uma relação epistolar, entre 1916 e 1920. Já o caso de Norka Rouskaya foi público e levou à detenção dos envolvidos, e posicionamento público de Mariátegui, no Jornal El Tiempo, em 10 de novembro de 1917.

Sara Guardia acentua dois eventos, neste período, que estão relacionados a “questão das mulheres” e que segundo ela, apontam para uma transição, que se operará mais tarde em seu pensamento. Tratam-se das “Cartas a Ruth” e do caso da bailarina Norka Rouskaya, ambos expressando elementos (ainda que tímidos) de um questionamento à moral burguesa e um apreço pela liberação das mulheres, em um sentido provavelmente liberal, mas, de toda forma, distinto do que predominara anteriormente nos escritos do jovem Mariátegui.

Segundo Guardia, esta carta era de caráter pessoal, e expressam o desejo de um estabelecer uma relação “igualitária” com uma mulher supostamente desconhecida (Ruth), mas que, posteriormente, descobriu-se tratar de Bertha Molina poetisa peruana, que era também, esportista e conhecida por ser a primeira mulher que dirigiu um carro na cidade de Lima. Este contato restringiu-se a uma relação epistolar, entre 1916 e 1920, mas parece revelar um Mariátegui em “transição”, como diz Sara Guardia. Já o caso de Norka Rouskaya foi público, envolvendo uma dançarina de renome que, após o espetáculo doo “teatro Colón” frequentado pela burguesia limenha da época, atende a proposta de jovens boêmios entre os quais Mariátegui, e aceita interpretar a marcha fúnebre no cemitério, à noite, junto ao violinista que atuava no espetáculo tb. O caso foi publicado em virtude de denúncia e prisão dos envolvidos, e posicionamento público de Mariátegui, no Jornal El Tiempo, em 10 de novembro de 1917(Guardia, 2014). O caso poderia de fato ser menos importante, mas a ideia do grupo era antiga e parece haver uma correlação com o conhecimento que tinham do trabalho revolucionário da

dançarina Isadora Duncan, nesta época (Stein, 1989).

Sara Guardia analisa a produção de Mariátegui posterior a este período, colocando como divisor de águas o exílio da Europa e o retorno, momento em que a visibilidade de mulheres autoras nas revistas editadas por Mariátegui serão bastante frequentes, considerando o contexto histórico, é claro. Nesta via, consideramos duas dimensões: os artigos que Mariátegui escreveu referindo-se a mulheres ou ao



feminismo, e os artigos e obras de mulheres que encontraram espaço nas edições de Amauta e de Labor, fundamentalmente.

Nas páginas de Amauta, várias mulheres encontraram espaço para expressar suas opiniões, artigos e obras. Grande parte destas eram amigas e interlocutoras de Mariátegui, como é o caso de Dora Mayer de Zulen, com quem “El Amauta” tinha uma relação muito próxima, marcada pelo respeito mútuo, apesar de divergências teóricas e políticas. Carmen Sacco, Magda Portal Julia Codesido, Blanca del Prado, Ângela Ramos, Maria Wiese de Sabogal, Maria Teresa Carvalho Carrera, Maria Isabel Sanchez Concha de Pipila, Miguelina Costa Cárdenas, Amanda Labarca, Gabriela Mistral. Algumas delas eram militantes feministas, outras, não estavam diretamente envolvidas com as organizações de mulheres deste período, mas suas atividades e trajetórias expressavam os processos de acesso à educação, a profissionalização, a vida política, à arte, ao reconhecimento. A revista Amauta, em particular, foi um espaço privilegiado para esta presença da escrita feminina, como diz Guardia:

No hay un solo numero de la revista em que no aparezcan las más destacadas poetisas de la década del veinte: Magda Portal, Ada Negri, Alfonsina Storni, Juana de Ibarbouru, Blanca Luz Brum, Maria Monvel, Maria Rosa Gonzalez, Graciela Garbalosa, Maria Elena Muñoz (Guardia, 2014, p.97)

Muitas destas mulheres foram comentaristas e ensaístas, porém, observa-se que se concentram na área de comentários sobre obras literárias. A presença de artistas plásticas, como Julia Codesido, nas páginas de Amauta, também merece ser destacada, e junto com os traços destas artistas emergem as mulheres mestiças e indígenas representadas em desenhos, xilogravuras, reproduções de telas nas capas ou no interior, em dossiês e encartes específicos. Muitas delas vivenciaram as conquistas modernas referentes a sexualidade, a maternidade e a família, beneficiando-se das conquistas adquiridas pouco a pouco pelos movimentos feministas na América latina.

Porém, como colocado anteriormente, uma das expressões do espaço conquistado pelas mulheres junto ao projeto liderado por Mariátegui é a descrita acima, relacionadas a autoria. Há outra dimensão que me parece mais importante, e que se relaciona com o projeto mais ambicioso de Mariátegui, e que se articula intrinsecamente à construção do socialismo no Peru e na América Latina. Neste sentido, emergem as referências e reflexões sobre as mulheres socialistas e sobre o feminismo como movimento atravessado por dimensões de classe.



Em Amauta publicaram-se muitos artigos com referências diretas à mulheres socialistas, como Rosa Luxemburgo, e de quem Amauta, em seu número 22 de abril de 1929, publica o artigo chamado “Navidad en el asilo de noche”, na qual Rosa relata um envenenamento de pobres que viviam em um asilo. Nydia Lamarque publica em três números sucessivos de Amauta (28, 29 e 30), em 1929 e 1930, a biografia de Rosa Luxemburgo. Madelaine Marx é referida em dois artigos, um deles “intitulado La luta final, na revista Mundial de 20 de março de 1925. Ele se refere ao título de um de seus livros, de mesmo nome, que provavelmente adquirira na França, e que foi publicado na gráfica de Clarté. Ela era uma das editoras da *Revue Clarté*, durante muitos anos, somente saindo desta tarefa quando os conflitos internos a revista se acirram e a nova geração de clartéistas, liderada por Pierre Naville e Michel Fourier, assume a sua coordenação.

Sobre Clarté, acreditamos ser importante compartilhar um pouco das informações que coletamos em pesquisa recente, realizada sobre o grupo e sua relação com Mariátegui. Referimos à revista que circulou entre 1919 e 1930, na França e outro países europeus e fora da Europa (Mariátegui foi mude seus muitos assinantes além-mar). Foi uma publicação comunista de grande importância para a divulgação e apoio à Revolução

Soviética entre outros processos históricos em curso, bem como expressou com entusiasmo os processos de vanguardas estéticas, especialmente o surrealismo, com quem chegou a quase fundir-se em uma só revista, em 1926(LÖWY, 2013).

A referida revista contou, assim como Amauta, com várias mulheres em seus trabalhos, certamente em número bem menor do que os dos homens, elas foram editoras (como Madeleine Marx), articulistas (como Sévèrine) palestrantes (pois Clarté promovia

debates em teatros e sindicatos), desenhistas e artistas plásticas (como Mela Muter, que aparece em vários números de Clarté). Mas além disto, assim como observamos em Amauta, em Clarté temáticas relacionadas às mulheres e as relações entre homens e mulheres são frequentes.

Podemos destacar neste sentido, artigos assinado por George Michel, sobre a questão da sexualidade e da moral familiar, no qual a temática do que hoje chamamos relações de gênero aparece, a famosa “Enquête sur l’amour”, composta pelos surrealistas em 1928, e à qual Mariátegui se refere-se em 1930 em *Mundial*, intitulado “ Los supra- realistas y el amor”, trazendo algumas das questões da própria *encuesta*



surrealista analisando a temática de forma verdadeiramente avançada para sua época. Isto sem falar dos vários artigos que publica ou escreve sobre o “freudismo” e a psicanálise, que, a nosso ver, são expressões de uma concepção bastante ousada para pensar a temática da sexualidade (e do gênero, a nossa ver) para sua época. A trajetória de cada uma das mulheres acima citadas, que fizeram parte da interlocução, referência ou publicação por parte do periodista peruano é excessivamente extensa (ao mesmo tempo que muito significativa) para que possamos neste espaço, caracterizar.¹

As reivindicações feministas

Neste texto, como colocamos antes - publicado em 1924 (ou seja, logo após o seu retorno da Europa), Mariátegui levanta três pontos centrais, que passo a comentar. O caráter universal e civilizatório das demandas feministas, expressas e articuladas ao acesso das mulheres ao trabalho e a educação.

A existências de diversas correntes dentro do movimento feminista relacionadas as classes sociais (o feminismo burguês e o feminismo proletário).

O fato de que a emancipação das mulheres implicaria, a seu ver, uma diminuição de seu “custo” – deixariam de ser mamíferos de luxo, passando ao mesmo tempo, a ter um maior valor enquanto seres humanos. Considerando os cem anos que nos separam destes textos- escritos por um homem, revolucionário, socialista e que rapidamente modificou sua opinião em relação ao feminismo e as mulheres- pensamos o seguinte:

- 1) O primeiro ponto (referente ao franqueamento do acesso à educação e ao trabalho para as mulheres, bem como a origem liberal das lutas feministas) nos parecem consensuais, atualmente, pelo menos entre os círculos feministas e socialistas. A ideia de que avançamos enquanto humanidade ao estender direitos outrora exclusivos dos homens às mulheres nos parece evidente.
- 2) O segundo ponto nos parece mais complexo. na nossa avaliação, o ofuscamento do feminismo operário (ou socialista) após processos complexos que envolvem o próprio movimento social, mas também – e fortemente- as teorias que se desenvolveram sobretudo a partir dos anos 70 parecem contribuir para a exaltação das pautas liberais ou pequeno burguesas, pelo menos em boa parte dos países latino americanos, ao passo que as históricas lutas operárias (hoje revestidas de complexas modificações) tem sido pouco consideradas pelos movimentos.



- 3) Por fim, e preciso considerar que o extraordinário avanço da acumulação capitalista sobre os países e sobre os povos dos países periféricos e dependentes como o os nossos, sobretudo a partir dos anos 70. Neste contexto, os verdadeiro avanços apontados por Mariátegui no início do século XX, parecem ter cedido a um outra lógica, na qual os investimentos do capital e do próprio patriarcado a ele articulado ocupam os corpos femininos, de tal forma que – por mais surpreendente que possa parecer – grande parte das mulheres hoje, neste mundo que nos foi tocado viver, articulam suas vidas ao redor de estudo, trabalho e uma imensa indústria da beleza, que nos aproxima, paradoxalmente, da imagem do mamífero de luxo repetida por Mariátegui no ano de 1924.

Embebido destas e de tantas outras interlocuções, Marateguio, “homem” de seu tempo, soube, ao nosso ver compreender, em um curto espaço de tempo, o desafio que o feminismo de caráter socialista levantou, a seu tempo.

Notas

1 Por exemplo, Madelaine Marx, uma das menos conhecidas entre nós, trabalhou incansavelmente junto a Clarté, onde inicia sua atuação como esposa de um dos editores. Depois se divorcia e casa novamente (daí a mudança de nome para Madelaine Paz), seguindo, todavia, sua trajetória sempre nas fileiras – certamente conflitivas e complexas naquele contexto- do movimento comunista francês e internacional. Publicou vários livros ainda quando gov. em, nos tempos de Clarté, ora dedicados a Rússia Soviética (o livro referido por Mariátegui- *La LUtte finale*) e outros, entre os quais destacamos *La grande Greve aux États Unis(1926)*, um verdadeira etnografia da situação das mulheres operárias de New Jersey envolvidas na grande greve que ocorreu na região, e que ela descreve, com riqueza de detalhes em seu livro. Após a dissidência de Trotski do regime stalinista, assume para si a campanha a favor desta corrente, da qual fez parte Victor Serge, articulista e editor de Clarté, tendo tido efetivamente uma vida dedicada a militância política.

Referências Bibliográficas

Beigel, Fernanda. **El itinerário y la brújula**. Buenos Aires, Editorial Biblios, 2004.

_____. Una mirada sobre otra: el Gramsci que conoció Mariátegui. **Estudios de Sociología**, Araraquara, v. 10, n. 18/19, p. 23-49, 2005.



_____. Las revistas culturales como documentos de la historia latino-americana. **Utopía y Práxis** n, 20, año 8, 2003, p.105-115.

_____. **La epopeya de una generación y una revista**. Buenos Aires, editorial Biblos, 2006.

González, Ana Isabel Álvarez. **As origens e a comemoração do Dia Internacional das mulheres**. São Paulo, Expressão popular, 2010.

Guardia, Sara Beatriz. **José Carlos Mariátegui: una visión de género**. Lima, edición da autora, 2016, 2 edición.

_____. Exclusión y género: las mujeres en la Independencia del Perú. In: GUARDIA, Sara (compiladora) **Las mujeres en los procesos de independencia de América Latina**. Lima, Gráfica Biblos, 2014, p.31-44.

Huaynates, Joel Rojas. Estudio Preliminar (compilador) **Dora Mayer: El sol que disipa las nubes**. Lima, Fondo Editorial del Congreso Nacional, 2018.

Löwy, Michael. **O marxismo na América latina**. São Paulo, Fundação Perseu Abramo, 1999.

Mariátegui, Jose Carlos. As reivindicações feministas. Lima, Mundial, diciembre 1924

_____. As mulheres e a política. Variedades, marzo, 1924.

_____. El Grupo Clarté y el Suprrealismo. Lima, **Variedades**, 1926.

_____. La Lucha Final. Lima, **Mundial**, 1925.

_____. El Grupo Clarté. Lima, **La escena Contemporánea**, 1926.

_____. Los suprarrealistas y el amor. Lima, **Mundial**, em 20 de março de 1930. _____.

Las memorias de Isadora Duncan. Lima. **Variedades**, 17 julio 1927.

Marx, Madalaine. **Une grande grève aux États-unis –Passaic-1926**. Paris, Librairie du Travail, 1927.

Schneider, Graziela(org). **Emancipação feminina na Rússia Soviética**. São Paulo, Boitempo, 2017.

Silva, Violeta Barrientos e CABREJA, Fanny MUñoz. **Revista Estudos feministas** n 22(2), 2014, p. 634- 640.

Stein, William. **Mariátegui y Norka Rouskaya**. Lima, Biblioteca Amauta, 1989.

Pericás, Luis Bernardo. **José Carlos Mariátegui- Revolução Russa** (historia política, literatura). São Paulo, Expressão Popular, 2012.

_____. José Carlos Mariátegui e o Brasil. Estudos Avançados n 24, São Paulo, 2010.

Rubbo, Deni Alfaro. Nosso irmão mais velho: Florestan leitor de Mariátegui. **Lua Nova** n. 99 -75-109, 2016.